



SANJEEV SANGSAKARN/GETTY IMAGES

SUCESSO RES PON SA VEL

EDIÇÃO JOSÉ VICENTE BERNARDO

// **D**evemos, sob o olhar das corporações, entender o que chamamos de sucesso responsável, aquele no qual compreendemos nosso impacto nas atividades e na vida de outras pessoas. Esse olhar deve focar, sobretudo, o compromisso genuíno por melhores condições ambientais e sociais, dada a representatividade que empresas, marcas e negócios têm junto a seus consumidores.” A afirmação é de Artur Grynbaum, vice-presidente do conselho do Grupo Boticário, uma das empresas brasileiras de maior relevância na pauta ESG – ela e outras igualmente atuantes na agenda ambiental, social e de governança de diferentes setores são apresentadas nas páginas a seguir.

Marina Grossi, presidente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), avalia que o setor corporativo nacional tem mostrado grandes avanços em iniciativas ESG. A fase de assumir compromissos teóricos na agenda ESG, algo que motivou críticas como as encabeçadas por Peter Thiel, cofundador do PayPal, “ficou para trás”. O setor privado está na etapa das ações concretas – e esse movimento não tem volta.

Marina é uma das responsáveis pelo estudo *Reporting Matters*, que analisa os relatórios anuais de ESG. “Usando a metodologia desenvolvida pelo World Business Council for Sustainable Development (WBCSD), em conjunto com a Radley Yeldar e com o Grupo Report, avaliamos temas como materialidade, engajamento de stakeholders, metas e compromissos”, explica. Na edição mais recente do estudo, publicada no início do ano, foram examinadas mais de 10 mil páginas de 74 relatórios ESG de grandes empresas. Avaliaram-se 16 quesitos, como “governança de sustentabilidade”, “implementação e controle”, “metas e compromissos” e “desempenho”. “Em comparação com a edição anterior, houve um aumento nas pontuações de quase todos os 16 critérios”, afirma.

“Nos próximos anos, as empresas podem apresentar avanços na abordagem de temas ainda pouco explorados, como a biodiversidade.” De acordo com a publicação *Biodiversidade e Negócios: Boas Práticas Empresariais Brasileiras Rumo à Natureza Positiva*, lançada em maio pelo CEBDS, uma economia voltada para a regeneração da natureza pode movimentar até US\$ 10 trilhões por ano e gerar 395 milhões de empregos até 2030.

Liliane Rocha, do Comitê de Diversidade da Ambev, mestre em políticas públicas e MBA em gestão da sustentabilidade pela FGV, afirma que, em algum grau, todas as empresas reavaliaram – ou, no mínimo, fizeram uma breve pausa para reflexão – depois de o presidente norte-americano, Donald Trump, elevar o tom de suas críticas à pauta ESG no início de 2025. Para seu alívio, a Ambev rapidamente decidiu seguir adiante com seus propósitos. “Qualquer estudo que você analisar vai dizer que os consumidores tendem a privilegiar empresas que têm uma perspectiva social e ambiental. Mas minha sensação é de que as pessoas hoje estão sobrecarregadas com fatos importantes de uns cinco anos para cá, que vão da pandemia à quarta revolução industrial – e essa sobrecarga provoca certa dispersão do sendo crítico”, analisa Liliane. Essa dispersão, por sua vez, reflete-se no comportamento do consumidor e em demandas sociais mais amplas, como a própria pauta ESG, criando lacunas que podem abrigar eventuais retrocessos. “Para superar isso, temos que voltar ao que é basilar: debater o que é ética da sociedade e das corporações, debater sobre aquilo que não estamos dispostos a abrir mão. Esta é a hora da decisão.”

CONSTRUINDO PILARES SUSTENTÁVEIS

ACOSTUMADO A REALIZAR OBRAS DE ALTO IMPACTO AMBIENTAL, O SEGMENTO DE CONSTRUÇÃO CIVIL PESADA FOI UM DOS PRIMEIROS A INTROJETAR O TEMA ESG EM SEUS NEGÓCIOS

POR RUI DANTAS

O setor viveu, por diversos motivos – um deles seu próprio *core business* –, uma grande transformação nos últimos anos, em especial no quesito governança. Novas tecnologias também trouxeram ganhos no impacto das obras, com redução de desperdício, reúso de água, diminuição expressiva da pegada de carbono e grande preocupação com as comunidades do entorno dos empreendimentos. Assim, nasceram projetos de empreendedorismo nas regiões de atuação, melhorias em escolas ou capacitação do grande contingente de profissionais contratados, entre dezenas de ações.

Com a recente onda de privatizações, o contratante das obras, em muitos casos, deixou de ser o Estado e passou a ser a iniciativa privada, com outros conceitos, métricas e exigências.

Em 25 anos de atuação, o Instituto Camargo Corrêa (ICC), o braço de responsabilidade socioambiental da Mover (antiga Construtora Camargo Corrêa), já realizou mais de 400 projetos no Brasil, na Colômbia, no Paraguai, na Argentina, em Portugal, no Egito, em Moçambique e na África do Sul, países de atuação do conglomerado. O ICC soma 57 mil pessoas diretamente beneficiadas em suas ações e mais 1,4 milhão indiretamente. No total, investiu mais de R\$ 40 milhões desde o início dos trabalhos do braço de responsabilidade socioambiental do grupo, no ano 2000.

“O Instituto Camargo Corrêa surgiu com a premissa de levar os valores das famílias fundadoras para os territórios e as comunidades nos quais nossa atuação estava presente. Eu costumo dizer que, na verdade, ESG a gente sempre fez, só que usava outros termos no passado”, explica Bárbara Bueno, a executiva à frente do ICC. “Eu praticamente nasci

na empresa, já que meu pai trabalhava na Camargo. Desde sempre, houve projetos sociais com as comunidades nos locais onde estávamos. E sempre houve apoio na área de educação, de tecnologia, de investimento dentro das escolas do entorno”, relembra.

Bárbara explica que a atuação da Mover em ESG está focada em três pilares: educação, empreendedorismo e infraestrutura nas comunidades beneficiadas. A construtora se vale das exigências do mercado para empresas de capital aberto para nortear suas iniciativas. A educação, ela conta, engloba a capacitação e, muitas vezes, a alfabetização dos funcionários nos canteiros de obra, normalmente localizados em rincões de pobreza no país. A Mover contabiliza mais de 8.500 profissionais capacitados ou alfabetizados no portfólio do ICC.

As ações são acompanhadas com lupa para verificar o impacto realizado e se são necessárias mudanças de rota ao longo do tempo. “Fazemos as recomendações (para a construtora e demais empresas do grupo) e, no ano seguinte, verificamos se o índice de cada uma das três dimensões do ESG foram observa-

DIVULGAÇÃO



“O INSTITUTO CAMARGO CORRÊA SURTIU COM A PREMISSA DE LEVAR OS VALORES DAS FAMÍLIAS FUNDADORAS PARA OS TERRITÓRIOS E AS COMUNIDADES NOS QUAIS NOSSA ATUAÇÃO ESTAVA PRESENTE. EU COSTUMO DIZER QUE, NA VERDADE, ESG A GENTE SEMPRE FEZ, SÓ QUE USAVA OUTROS TERMOS NO PASSADO.”

BÁRBARA BUENO,
DIRETORA-EXECUTIVA DO ICC



Projeto Mel da Mata, do Instituto Camargo Corrêa

das e se melhoraram”, relata a executiva. “Daí, conseguimos mensurar como tudo está funcionando, se as empresas estão mantendo ou melhorando seus índices em cada uma das dimensões.” É a governança do próprio ESG.

Bárbara ainda explica que esse novo olhar em cada região de atuação do ICC se inicia antes mesmo de a empresa estabelecer um canteiro na comunidade-alvo. Ela menciona dois exemplos significativos do impacto realizado pelas ações do instituto: um no interior de São Paulo e outro em Salvador.

“Construímos, há alguns anos, uma planta de tratamento de águas para a Sabesp em São Lourenço da Serra (SP). Antes de tudo começar, fizemos um grande mapeamento do entorno, que envolveu até mesmo imagens de satélites, além de horas de conversas com as principais lideranças da região para entender os problemas e a vocação natural da localidade”, conta Bárbara. Os profissionais da Mover entrevistaram de padre a líder comunitário, de pequeno empreendedor a moradores da área do entorno imediato da estação.

Desse extenso diagnóstico surgiu o projeto de apicultura Mel da Mata, que, desde 2016, vem incentivando o empreendedorismo entre a população local. A iniciativa levou infraestrutura, deu apoio técnico e ensinou conceitos de gestão aos produtores rurais de Jquitiba e São Lourenço da Serra, além de outros municípios próximos. Resultado: a cooperativa de apicultores registrou aumento de 75% no número de cooperados. Além disso, recentemente conseguiu o selo da Defesa Agropecuária do Estado de São Paulo, concedido somente aos que produzem mel com qualidade superior, promovendo ainda mais geração de renda para a comunidade, que carecia de oportunidades.



Visita guiada ao Museu do Amanhã, promovida pela EGTC Infra

“Em outro projeto, em Salvador, onde construímos o BRT, conseguimos acelerar diversas startups de jovens de uma comunidade”, disse. “Ficamos muito satisfeitos em saber que, no ano passado, o faturamento dessas startups atingiu R\$ 1 milhão”, celebra a executiva.

Quanto às questões ambientais, Bárbara enumera iniciativas da Mover para a diminuição da pegada de carbono e o manejo de água, além da estrita observância à legislação ambiental brasileira, considerada das mais avançadas do mundo. Uma delas, realizada em Ibiúna (SP), eliminou 73 fossas irregulares que lançavam rejeitos na microbacia do Ribeirão da Barra. Em 12 anos, 60 casas foram beneficiadas; os biodigestores instalados produzem gás natural consumido pela comunidade e 84% da pequena bacia foi saneada.

CIMENTO E AÇO VERDES

Outra construtora de peso, a EGTC Infra, da antiga holding Queiroz Galvão, focou seu portfólio no setor privado e hoje conta com clientes como Petrobras, MRS Logística, Pax Aeroportos e CCR, entre outras grandes companhias. O diretor de finanças e ESG da construtora, Juliano Meirelles, está na empresa há 23 anos e sabe que a demanda ESG do setor privado é real e cada vez maior, em um mercado que deve movimentar mais de R\$ 370 bilhões nos próximos quatro anos, segundo dados da Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústria de Base (Abdib).

“O conceito ESG está dentro da estratégia de negócio da EGTC e é mandatório para nós”, comenta Meirelles. “Fizemos uma revisão do nosso planejamento estratégico em 2021 e decidimos ser uma referência no mercado de cons-



DIVULGAÇÃO

“FIZEMOS UMA REVISÃO DO NOSSO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO EM 2021 E DECIDIMOS SER UMA REFERÊNCIA NO MERCADO DE CONSTRUÇÃO CIVIL PESADA NO TEMA. CHEGAMOS À CONCLUSÃO DE QUE DEVERÍAMOS FAZER DE VERDADE E NÃO SER APENAS UM *GREENWASHING*.”

**JULIANO MEIRELLES,
DIRETOR DE FINANÇAS
E ESG DA EGTC INFRA**

trução civil pesada no tema. Chegamos à conclusão de que deveríamos fazer de verdade e não ser apenas um *greenwashing*”, afirma, lembrando que hoje se trata de um diferencial agregar à carteira de contratantes o selo de preocupação ambiental, social e de governança nas obras que executam. Somente em 2024, a construtora investiu R\$ 1,9 milhão em mais de cem projetos sociais e ambientais.

Com 5.100 colaboradores na empresa e faturamento próximo dos R\$ 2 bilhões, Meirelles enumera uma série



“A ATIVIDADE AGRÍCOLA É O EIXO CENTRAL E É TRABALHADA PARA PROMOVER A FRENTE ECONÔMICA, GERAR RENDA PARA AS FAMÍLIAS A PARTIR DO USO RACIONAL DOS RECURSOS NATURAIS E EM HARMONIA COM O MEIO AMBIENTE, COM MANEJOS SUSTENTÁVEIS E DE BAIXO CARBONO.”

**CRISTIANE NASCIMENTO,
DIRETORA DA FUNDAÇÃO
NORBERTO ODEBRECHT**

de iniciativas que a EGTC Infra desenvolveu desde a decisão estratégica de inserir o ESG em seu dia a dia empresarial. A primeira delas foi a criação de um comitê formal que tratasse do assunto e que direcionasse as atividades de toda a diretoria executiva da empresa. Outro exemplo de governança do próprio ESG.

Uma das decisões foi monitorar de perto a cadeia de 17 mil fornecedores da companhia, além de construir e premiar parcerias que equacionam problemas ambientais, como o uso de produtos que sabidamente têm uma considerável pegada de carbono sob uma nova perspectiva.

“Fizemos uma parceira com a CSN e com a Arcelor Mittal, que desenvolveram, a partir de nosso pedido, o cimento e o aço verdes.” Nesses produtos, o uso, por exemplo, de maior quantidade de escória siderúrgica e a utilização de outras tecnologias reduzem sensivelmente a poluição no processo produtivo. Hoje, exulta Meirelles, os números falam por si: 90% do cimento utilizado é mais sustentável e 65% de toda a madeira empregada nas obras é oriunda de reflorestamento. A empresa também faz reúso de 3 mil metros cúbicos de água nas empreitadas e até recebeu um prêmio pelo preciso inventário que fez sobre a própria produção de gases de efeito estufa. A EGTC ainda aderiu ao Pacto Global da ONU para implementar princípios universais de sustentabilidade em sua operação, com metas até 2030.

“Investimos pesadamente na renovação da nossa frota e agora usamos equipamentos que trazem a menor emissão de gases de efeito estufa possível. É uma agenda que, por mais que esteja no foco hoje em dia, sendo às vezes questionada, ela não tem como retroceder. Pelo menos na EGTC.”

SEIS FRENTES

Já a Fundação Norberto Odebrecht, braço social da holding do conglomerado, contabiliza, desde 2003, quase 700 mil pessoas impactadas, tanto social quanto ambientalmente, no Programa de Desenvolvimento e Crescimento Integrado com Sustentabilidade (PDCIS), a vitrine de atuação do instituto. O programa já capacitou 2 mil jovens formados no ensino médio como técnicos em agronegócio e florestas.

Somente em 2024, a fundação investiu R\$ 23 milhões, levando suas ações a 20 municípios da Bahia e do Rio de Janeiro. Um dos impactos notados foi a redução em 65% da dependência das famílias dos beneficiados em programas sociais governamentais, como o Bolsa Família, já que o programa gerou renda aos que por ele passaram. Uma análise de impacto do programa ainda demonstrou que a renda anual dos que participaram do PDCIS é R\$ 25 mil maior do que pessoas das regiões atendidas que não tiveram acesso à iniciativa.

“O PDCIS trabalha ações em seis frentes integradas, com os componentes humanos, sociais e ambientais como pilares”, explica Cristiane Nascimento, diretora da Fundação Norberto Odebrecht. “A atividade agrícola é o eixo central e é trabalhada para promover a frente econômica, gerar renda para as famílias a partir do uso racional dos recursos naturais e em harmonia com o meio ambiente, com manejos sustentáveis e de baixo carbono.”

O programa atingiu a marca de 68 mil árvores plantadas nas regiões atendidas, instalou 95 fossas sépticas nessas localidades e, com isso, restaurou 10 nascentes d’água no mesmo período. Agora, o PDCIS será lançado em Angola, na África, um dos 38 países de atuação do grupo.